



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virgínio Pires

SEMANARIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13 — Telefone 127 — TAVIRA — Composição Impressão — Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 — TAVIRA

O Folclore e o Turismo no Algarve

II — «Vigilhas» de ontem e de hoje; «combates de moiros» e danças dos arcos; danças de velhos, de pastores e de meninos; carros «triumfantes» e lóas

NÃO há dúvida de que, hoje em dia, as festas tradicionais das nossas aldeias e lugares, as populares «vigilhas», estão infelizmente a ser constituídas apenas por maquiação dos Luna Park de trazer por casa, que há anos foram moda na capital portuguesa: carroceis, cadeirinhas volantes e pistas de automóveis eléctricos; tómbolas de várias espécies e bares atavernados; dancings (chamar-lhes balhos, como outrora), considera-se prova de pouca... civilização!

por Antero Nobre

onde os nossos mocos e as nossas moças, vestidos à moda de toda a gente e de todo o Mundo, arremedam danças exóticas, ao som da não menos exótica música de jazz; música gravada, de ritmos estranhos e por vezes cantada em línguas estrangeiras, atrojando os ares nas estridências de alto-falantes ordinários e mal afinados; exhibições microfonicamente fahnosas de cançonevistas, cantadores e cantadeiras de melodias, ritmos e letras importadas sabe Deus de onde, e que vão embutando a pouco

TROVA

Quando passa a procissão
Do Bom-Jesus dos Aflitos,
Oíço gemidos e gritos
Dentro do meu coração.

Isidoro Pires

Durante o período das Festas da Páscoa haverá facilidades de fronteira para o turista espanhol em visita a Portugal

Informa-nos o S.N.I. de que durante o período de «Festas da Páscoa», que vai de 3 a 21 de Abril próximo, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado concede facilidades aos turistas espanhóis para uma estadia de 7 dias em Portugal, a fim de assistir aos festejos, desde que os mesmos venham munidos de salvo-condutos a passar pelos nossos postos fronteiriços, mediante a apresentação dum bilhete de identidade.

Se, porém, alguns dos interessados desejarem, excepcionalmente, continuar a sua permanência no País, deverá dirigir-se àquela Polícia que poderá conceder-lhe a prorrogação.

Este número foi visado pela Delegação de Censura

MONUMENTO EM RUINAS

DAS palmas e dos louros, cremados no turbulento do tempo, não restam mais que cinzas. Cinzas e fumo que se esvai não se sabe para onde. Cinzas que o homem agarra neste momento, não para cimentar o monumento das coisas mortas e se recolher ao desânimo, mas para tirar matéria de experiência e atalaiar-se em curta meditação e balanço à sua vida e às suas responsabilidades.

Procissão de Cinzas

Com extraordinária pompa realizar-se-á hoje, nesta cidade, a tradicional Procissão de Cinzas, a primeira da quaresma, que costuma atrair a Tavira elevado número de forasteiros.

A procissão que sairá da igreja de S. Francisco, será acompanhada no seu habitual percurso, pela Banda de Tavira.

Mais que a palavra, a consequência do raciocínio, a responsabilidade define o homem. E, na semana de Cinzas, a primeira da demorada preparação para celebrar conscienciosamente uma grande alegria, o acto primeiro dum vida ordenada e cristã é o balanço dos seus próprios actos, para os corrigir, se não considerarem coerentes; e a introspecção em si mesmo para tentar controlar as suas inclinações.

Mas onde, onde está essa andorinha branca, a alma singela que atende a advertência que o primeiro domingo quaresmal formula?

Como dantes, a Venerável Ordem de S. Francisco veste de flores os seus andores, exuma dos arcazes bandeiras e ciriais, tochas e cruces, paramenta os Irmãos dos hábitos da Regra e fornece as opas e cirios para o préstito.

Como dantes, o sino merencório e suave toca à Ordem, a igreja alcatifa-se de rosmarinhos, a música acode animadora.

Continua na 3.ª página

Comemorando o 4.º Aniversário

da entrada do

Dr. Jorge Correia

para a CÂMARA MUNICIPAL será hoje inaugurada a LUZ ELÉCTRICA em Santo Estêvão

SAO decorridos quatro anos sobre a posse do sr. Dr. Jorge Correia no cargo de presidente da Câmara de Tavira.

Sem exageros de adjectivação nem pruridos de literatura, mais uma vez é justo salientar a sua acção à frente da edilidade.

Num crescente desejo de tornar a sua terra cada vez mais importante e mais bela aos olhos dos seus conterrâneos e de quantos a visitam, tem procurado dar-lhe um impulso cujos benéficos efeitos já se fazem sentir e que num futuro próximo muito contribuirão para a elevação do seu nível económico e social.

O Dr. Jorge Correia abalou os velhos muros dum cidade adormecida despertando - a para novas emoções, arrancando-lhe, por assim dizer, o véu da apatia em que se envolvera inexplicavelmente, assistindo à demolição dos seus velhos pilares carcomidos pela traça dos séculos.



Há 4 anos o Dr. Jorge Correia assumiu as funções de Presidente da Câmara de Tavira

Os velhos mitos que criaram raízes na credence popular, pela benéfica acção dum brisa ovadora, transformam-se em realidades palpáveis.

Continua na 3.ª Página

O Circulo Cultural do Algarve vai realizar o II Salão Algarvio de Arte Fotográfica

Uma comissão constituída pelos srs. Dr. Joaquim Rocha Peixoto Magalhães, Dr. Elviro da Rocha Gomes, Dr. Zeferino Alves de Oliveira e Silva, Mateus Joaquim da Silveira Santana e Benigno Paulo da Cruz, vai realizar o II Salão Algarvio de Arte Fotográfica, que já o ano passado tão brilhante êxito alcançou.

A entrega das produções deverá ser feita até ao dia 1 de Maio e o Salão Fotográfico estará aberto durante o mês de Junho.

Felicitamos o Circulo Cultural do Algarve pelo sua brilhante iniciativa que, estamos certos, terá a colaboração de todos aqueles algarvios e amigos do Algarve que se dedicam à arte fotográfica.

Tropas para o Ultramar

No passado dia 27 de Fevereiro partiu desta cidade mais um contingente para Angola.

Na estação do caminho de ferro, além do Comandante do Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria, oficiais, sargentos e praças, estiveram muitos civis a apresentar cumprimentos de despedida, a esse punhado de soldados de Portugal, que vai cumprir a arrojada missão de defender o solo pátrio.

No reino dos descontos

TEMOS em mãos elementos probantes de que os diplomas regulamentos, despachos e instruções que deviam assegurar a defesa da economia popular não satisfazem o interesse público, carecendo de imediata e profunda revisão. Efectivamente a intervenção do Estado em defesa do consumidor está praticamente limitada a alguns produtos alimentares e quando ao mais é praticamente inexistente, deixando à rédea solta os especuladores.

por J. Justino

Esta verdade ressalta de múltiplos factos recolhidos nas observações que temos feito nos mercados de víveres e nos de utilidades consideradas de primeira necessidade.

Deixando os primeiros para posterior apontamento, assinalamos desde já que grande

Continua na 3.ª Página

Val ser condecorado o Presidente do Grémio da Imprensa Regional

Amanhã, pelas 16 horas, no Palácio de S. Bento, será solenemente condecorado com as insígnias de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, com que deliberou galardoar a Imprensa Portuguesa, S. Ex.º o sr. Presidente da República, o sr. Rev. Cônego Dr. José Galamba de Oliveira, presidente da Direcção do Grémio da Imprensa Regional.

Por tal motivo endereçamos ao illustre homenageado, as nossas mais cordiais saudações.



Uma miniatura do TELSTAR — Uma empregada da Bell Telephone, dos Estados Unidos, mostra um marcador de tempo electrónico, semelhante ao que foi utilizado no satélite de comunicações Telstar. A' direita, vemos um modelo deste satélite norte-americano, na redução de 1/3, que foi colocado em órbita a 10 de Julho de 1962.

CHUVA

Durante o mês de Fevereiro do ano corrente a chuva caída em Tavira, e registada na Estação Meteorológica da Estação Agrária foi de 203 m/m, tendo caído no dia 27, 64,5 m/m e no dia 28, 62,1 m/m.

Para se dar uma ideia da grandeza desta queda pluviométrica diremos que nos últimos anos, a média, do mês de Fevereiro, é apenas, de 72,7 m/m.

Por sua vez, a chuva caída no ano agrícola corrente, isto é, no período de Setembro a Fevereiro, inclusivé, atinge já 794,7 m/m.

Desde que existe a Estação Meteorológica de Tavira, ou seja desde 1928, que se não registava uma queda pluviométrica tão elevada no referido espaço de tempo.

Os anos que mais se lhe aproximaram são os de 1940-41 e 1949-50 em as quedas pluviométricas foram, respectivamente, de 752,1 m/m e 755,1 m/m. Estes números, deve frizar-se, respeitam ao período de Setembro a Fevereiro inclusivé.

Fazemos ardentes votos para que S. Pedro nos conceda um período de tréguas, mas, não sendo pessimista, lembraremos que: «Luz Nova trevejada»..

Dr. Humberto Avô

Foi contratado para os serviços de pediatria médica do Hospital D. Estefânia, de Lisboa, este nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Dr. Humberto Sérgio de Brito Avô, distinto e inteligente médico-pediatra.

O Folclore e o Turismo no Algarve

Continuação da 1.ª página

e pouco a sensibilidade do nosso povo, prevendo o seu gosto, *desalgarviesando* e mesmo *desaportuguesando* o seu sentir. É tudo isto sempre anunciado, reclamado e apresentado como *índice* e *marca* de progresso e civilização, e algumas vezes até com o rótulo de... *folclore*. Como se as cançonetas brejeiras e não raramente licenciosas dos *Parques Mayer* de Lisboa ou de qualquer parte pudessem ter alguma coisa de comum com o *folclore* algarvio ou português; como se o progresso pudesse ser a adopção inconsiderada ou a imitação simiesca do que de pior os estrangeiros (e mesmo os portugueses de outras regiões...) possuem ou fazem e... *exportam*; como se *civilização* significasse *estandardização* de usos e costumes, e um povo só fosse civilizado quando reneça aquilo que o caracteriza e diferencia dos outros povos, e passa a sentir, pensar, falar, agir e divertir-se de forma igual à de quaisquer outros mesmo mais adiantados do que ele em alguns domínios da ciência ou da técnica!...

Hoje, há ainda por aí com certeza muita gente viva que se lembra de terem sido bem diferentes as festas do nosso povo. Nós próprio, que não sendo já criança, ainda não somos um venerável ancião, podemos recordar como eram diferentes as *vigilhas* algarvias, sobretudo as mais próximas da nossa casa natal, que por isso mais assiduamente frequentámos na infância, na adolescência e na juventude: as de Moncarapacho, *Quelfes*, *Pechão*, *Estoi*, *Santa Catarina* da Fonte do Bispo, *Santo Estêvão*, *Conceição* de Faro e *Santa Bárbara* de Nexe, mesmo as de *Santa Rita* e de *Cachopo*, apesar de mais distantes; e podemos também lembrar com certa exactidão e alguns pormenores curiosos o que a respeito dessas *vigilhas*, em garoto ouvimos contar a pessoas velhas da nossa aldeia, mormente a nossa avó materna e a um dos seus irmãos, ambos então já ultrapassando os setenta anos de idade e ele um antigo e entusiasta *trompa* da velha filarmónica local, que com esta tomara parte durante meio século em todas as festas tradicionais das redondezas. Em algumas dessas *vigilhas*, quase todas famosas muitas léguas em redor, ainda há uns quarenta e cinco anos se podiam ver e admirar *coisas* bem interessantes do nosso *folclore* regional, que hoje andam esquecidas ou ignoradas.

Pondo de parte o que se refere ao arranjo e às ornamentações e iluminação dos *adros* e *terreiros* onde se efectuam os *arraiais*, para só nos cingirmos ao que interessa ao objectivo desta série de artigos, recordaremos, por exemplo e em primeiro lugar, famosas e bem típicas *danças* ou *combates de moiros* (que ainda vimos *vigilhas* de S. Sebastião de *Quelfes* e de S. Bartolomeu de *Pechão*), nas suas variantes de moiros *contra moiros* e *crístãos contra moiros*, esta mais apreciada pelo povo do que aquela em virtude de razões que talvez se encontrem na memória ancestral das guerras da Reconquista Cristã. Eram *danças* de *estilo guerreiro* se assim é possível chamar-lhes, que começavam por curiosíssimas *evoluções* das *hostes* adversárias sobre o vasto *palanque* da exibição, ao som de *pandeiros* (em quase todo o antigo termo de Tavira, e também em parte do de Faro ainda não há muitos anos se considerava o *pandeiro* redondo, de uma só pele, tipo espanhol, como um instrumento moirisco, certamente por analogia com o *adufe* de soalhas,

de origem árabe muito usado no norte de Portugal e mesmo no Alentejo, para marcar o ritmo de certas danças); continuavam depois em avanços e recuos e cruzamento do conjunto ou de componentes isolados dos dois grupos, com *voltas* e *passos* estudados para fazer *esvoaçar* os *albornozes*, o ritmo marcado pelo entrecchoque das *cimitarras* e das *espaldas* e pelos *gritos de guerra*; e terminavam quase sempre num *quadro* espectacular: a tomada e o incêndio do *castelo* moiro com vistosos fogos de artifício, que enchiam a noite de clarões multicores, ao som de *marchas inflamadas*, em que os *trombones*, os *cornetins* e a *pancadaria* das pequenas *filarmónicas* tinham grande *papel* e eram postos à prova. Não sabemos se havia música própria para estas *danças*, mas é provável que sim e até que ainda existam as *partituras* nos *arquivos* de alguma velha *filarmónica* algarvia; quanto às *marcações*, dessas sabemos que o seu conhecimento se transmitia *oralmente* de geração em geração, às vezes apenas no âmbito de uma só família, sucedendo os filhos aos pais no *mester* de ensaiar tais *funções*. Pelos menos em *Quelfes*, lembra-nos de ouvir dizer há muitos anos, que o conhecimento dessas *marcações* era exclusivo de certos *especialistas* locais... Ainda será algum deles vivo?...

Neste capítulo das *danças* lembraremos também as *danças de pastores* e as *danças de meninos* as primeiras que nos recordamos de ter visto na *vigilha* de Santa Catarina, as segundas que em tempos mais recuados eram *número* obrigatório da chamada *feita da aldeia* em Moncarapacho e de que nossa Avó nos falava com enternecida saudade, descrevendo-as com todos os pormenores, reproduzindo alguns dos seus *passos* e *marcas* mais características, cantando as suas *trovas*; consistiam, umas e outras, fundamentalmente, em *ingénuas estilizações* da vida postural e dos jogos e brincos infantis tradicionais das nossas aldeias, nas quais os *balaios* com flores, as *fitas*, os *cordeirinhos* e os *cajados* de pastoreio (por vezes substituídos pela cruz com *bandeirinha*, *típica* das imagens de S. João Baptista menino) eram atributos certos dos *dançarinos*, a *roda* era uma das principais *marcas* e muitas destas (as que nos é possível hoje recordar e por isso comparar...) mostravam já influência de certas *contradanças* mais delicadas, mais de sala, menos populares. Havia, mesmo, quem chamasse a estas, *danças*, *contradanças de pastores* e *contradanças de meninos*... E ainda as *danças de velhos*, que numa noite de *arraial* vimos, há muitos anos, no adro rústico de S. Sebastião dos *Matinhos* ou do *Bituito* (freguesia de Moncarapacho); tinham preocupações satíricas, nelas a *mímica* ocupava grande lugar e o *arremedo* das *danças* dos moços constituía o principal *tema*. Todas estas *danças* possuíam música e letra próprias, não sabemos se escritas ou também apenas transmitidas oralmente de geração em geração; mas das *danças de pastores* e das *danças de meninos* temos uma vaga ideia de ouvir dizer, aí por 1926 ou 1927, ao Mestre Rabeca, em conversa conosco e nosso Pai, a propósito de uma crónica nossa sobre *Filarmónicas*, no *Correio Olhanense*, que ainda encontrava algumas partes na arca que pertencera a *Música Velha* de Moncarapacho. Por onde andarás hoje tudo isso?

Além destas *danças*, exibidas em *palanques* ornamentados, como *espectáculo* nas *vi-*

Tribunal Judicial

Comarca de Tavira

ANÚNCIO

1.ª publicação

Faz-se saber que no dia 11 de Março próximo, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e na carta precatória vinda do Tribunal de Trabalho de Faro, extraída dos autos de execução em que é exequente a Comissão Reguladora das Moagens de Ramas e executada a Cooperativa Agrícola dos Produtores de azeite de Santa Catarina da Fonte do Bispo, há-de ser posto em praça, para se arrematar ao maior lance oferecido, acima do valor indicado no processo, um tractor marca Fordson número LF-19-28.

Tavira, 13 de Fevereiro de 1963.

O Juiz de Direito

João Carlos Leitão Beça Pereira

O Escrivão de Direito

João Faustino Nunes Gonçalves

Assinal o «Povo Algarvio»

gilhas havia ainda os *balhos*, que se improvisavam ao sabor das circunstâncias, nos *adros* e *terreiros* (estamos a lembrarmos neste momento, sobretudo, da última vez em que fomos à *vigilha* de Cachopo...), ao som do harmónio e dos *ferreiros*, por vezes também do clarinete e do pandeiro: aí toda a gente dançava então o *corridinho*, com todas as suas *escovinhas* e *puladinhos*, aí apreciavam alguns *bailes mandados* e também, embora mais próprios da quadra dos *Santos Populares* e das *escarapelas*, os *bailes de roda* e os *desafios* ou *despiques*, de que falaremos mais adiante. E em algumas *vigilhas* havia também o *carro triunfante* num caso ou noutro acompanhado da chamada *dança dos arcos*.

O *carro triunfante*, a que o povo chamava *trunfante* era, em certas aldeias, um *número* sem o qual a *vigilha* nada valia. Normalmente um carro de bois vistosamente engalanado com ramagens, flores e festões de papel colorido, *cheio* das mais belas raparigas do lugar cantando *lôas* à Santa Padroeira, aos *Mordomos* da festa e às pessoas gradadas das redondezas, percorria as ruas e estradas do povoado, anunciando o começo da festa; à frente a *Música* e toda a *moçançada* da terra, que *acudia* sempre a estas andanças e se *esmurra* para apanhar as *canas dos foguetes*, atrás os componentes das *danças* que se haviam de exibir à noite, no *arraial*, ou a *dança dos arcos* em plena exibição. Esta, que não chegámos a ver e de que também nos falava nossa avó como peculiar de algumas *vigilhas* dos arredores de Moncarapacho, a avaliar pelo que nos contava era uma dança quase do tipo *acrobático* (poderemos dizer assim?), dançada geralmente em marcha, os *dançarinos* transportando grandes *arcos* ornamentados, por dentro dos quais passavam e tornavam a passar, nas evoluções caprichosas a que obrigavam as suas *marcas*, mas que também se exibiam algumas vezes nos *palanques* dos *arraiais*. Em qualquer caso, o *carro triunfante* era *número* digno de ver-se; o último de que nos lembra, vimo-lo em Santa Catarina e serviu-nos até de tema para uma *novelazita* publicada muitos anos depois no *quinzenário* *O Monchiquense*, com o título de *Festa de aldeia*...

Mas o *folclore* algarvio não é ainda apenas isto; não é só o que se podia ver nas *vigilhas*. Continuaremos a falar dele num dos próximos números, se os leitores não se enfadarem...



Luz de Tavira

Posto de abastecimento Sacor — Já se encontra em funcionamento, satisfazendo os automobilistas, o posto de abastecimento Sacor, construído há pouco nesta terra. Mais um melhoramento que esta localidade ambicionava, pois já conta com um avultado número de automóveis, motores de regas, etc, que muitas vezes para funcionarem era necessário mandar um portador a Tavira ou Alfindanga, para o abastecimento de combustível. São agentes do posto Sacor os srs. José Joaquim de Mendonça Felício e António José Soares.

O Temporal — Têm sido assustadoras as chuvas que têm caído na nossa região, pois os riberros limítrofes todos têm saído do seu leito em consequência do enorme volume das águas. Noras e poços deitam por fora assim como muitas hortas parecem autênticos lagos pois desde há muito que se encontram cobertos de água. Há sementeiras perdidas e não se poderão efectuar outras tão cedo.

Casamentos — Na igreja matriz desta localidade realizou-se no passado dia 23 de Fevereiro o casamento da sr.ª D. Maria Valentina Teixeira Gomes, filha da sr.ª D. Maria Isabel Correia Teixeira Gomes e do sr. Carlos José de Sousa Gomes, abastado proprietário nesta terra, com o sr. Dr. Ventura José Rocheta Gomes, filho da sr.ª D. Maria Teresa Rocheta Gomes, já falecida e do sr. Ventura dos Santos Gomes.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus pais e, por parte do noivo, seu pai e sua tia, sr.ª D. Júlia Gomes.

Seguidamente ao acto, foi servido um finíssimo copo de água aos inúmeros convidados na Pastelaria Gardy, em Faro, tendo pouco depois os noivos seguido em viagem de núpcias.

No passado dia 24 de Fevereiro, na igreja desta freguesia, realizou-se o casamento da sr.ª D. Zélia de Jesus Neves Evangelista, filha da sr.ª D. Maria José Neves e do sr. José de Jesus Evangelista, proprietário, com o sr. Daniel Gouveia, pedreiro, residente no Rio de Janeiro. Apadrinharam o acto a sr.ª D. Maria Agripina Viegas Valente e o sr. João Rodrigues Varela, tendo servido de noivo o sr. Francisco Xavier Palmeira, cunhado da noiva.

Finda a cerimónia foi servido aos inúmeros convidados um fino copo de água na residência dos pais da noiva.

A nubente partiu para o Brasil, onde vai fixar residência.

Aos novos casais desejamos as maiores felicidades.

Diversas — Consta nesta localidade que pessoas amigas da sua terra estão planeando a construção de um edifício para cinema. A aldeia da Luz de Tavira, na realidade, já merece um benefício desta envergadura pois a população tem certa inclinação para admirar a telacinematógrafa. Apoiemos a iniciativa e desejamos para breve o início da sua construção.

— Esteve nesta terra em visita de curta demora, o sr. José Leal Correia Severino, funcionário bancário em Odivelas, acompanhado de sua esposa sr.ª D. Maria de Jesus Lindo Neto, professora oficial. — C.

TAVIRA

Prédios acabados de construir na principal Avenida, vendem-se em conjunto ou separado.

Tratar com José Joaquim Ferreira (Suc.ª) — Tavira ou Lisboa - Telf. 72 43 35.

J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Cartório Geral do Povo Português

Desta obra, cuja direcção literária pertence ao escritor Alves Redol, a musical ao musicólogo Lopes Graça e a artística à pintora Maria Keil, saíram os fascículos n.º 12 e 13 que recebemos, mercê da amabilidade de «Iniciativas Editoriais» que no-los remeteu. Muito agradecidos nos confessamos.

A semelhança dos «Contos Tradicionais Portugueses», a que oportunamente nos referimos, este «Romanceiro Geral do Povo Português» é uma das jóias da nossa literatura a que a referida Editorial apelidou de «tesouros» e que vem publicando com regularidade para apreço dos romanistas em especial e de todos os apreciadores dos nossos antigos textos em geral.

Nestes fascículos inclui-se o Livro Novo ou Sagrado no qual se conta a vida de Jesus e de santos milagreiros que o acompanham no reino dos Céus, dividido em três partes (A criação do Mundo, Romances da vida de Jesus e Romances da vida dos Santos) e dá-se início ao Livro Décimo ou das Maravilhas, onde se lê histórias de pasmar, com animais que falam, meninos de peito que discutem e outras coisas do arco da velha, também dividido em três partes (romances dos animais que falam e dos que percebem a fala dos homens, Romances das fadas e dos milagres e Romances dos meninos prodígios).

Do primeiro livro repetido fazem parte os romances: a caminho de Belém, o Menino-Deus, Santos-Reis, lá se vai Nossa Senhora, pelo Céu vai uma Estrela, Samaritana, romance da Paixão, na montanha estava a Virgem, milagre de S. Antonio, Santa Isabel.

O livro das Maravilhas tem romances de um sabor especial, à base da fantasia e que, se algum conhecemos pela tradição de pais ou velhas amas, outros são para nós completamente inéditos e por isso nos interessa de um modo especial. Há que lê-los para apreciá-los devidamente.

Cartório Notarial de Tavira

Certifico, para efeitos de publicação: Que, por escritura de vinte e dois do corrente mês lavrada neste cartório, de folhas 55 v.º a 57 do Livro de notas para «Escrituras Diversas» n.º A-11, foram declarados habilitados como únicos e universais herdeiros de Natalina de Sousa Rocha Diniz, falecida nesta cidade em 7 de Junho de 1959, sem qualquer disposição de última vontade e no estado de casada com Bernardino Padinha Diniz, seus filhos legítimos Maria Fernanda Rocha Diniz ou Maria Fernanda Rocha Diniz Cardoso, doméstica, casada com Jorge Afonso Cardoso e residente em Sá da Bandeira — Angola e Joaquim Eduardo Rocha Diniz, funcionário da Câmara Municipal deste concelho, casado com Maria Catarina do Rosário Firmino Rocha Diniz e residente em Tavira.

Por ser verdade e me ser pedido, fiz escrever o presente que assino, em Tavira, aos vinte e oito de Fevereiro de mil novecentos sessenta e três.

A Ajudante

Maria Elete Teófilo Lopes Dias

Assinal o «Povo Algarvio»

SÃO TEOTÓNIO

O Primeiro Santo Português

De entre os portugueses cujas virtudes levaram à canonização, São Teotónio ocupa um lugar muito especial, porque além de ser o primeiro santo português o seu nome anda ligado à fundação e expansão da Nacionalidade.

Nascido no Minho, no lugar de Tardinhade da aldeia de Ganfei, no ano de 1082, desde muito novo mostrou inclinação para a vida religiosa. Seus pais, D. Eugénia e D. Oveco, criaram-no até à idade de 10 anos no santo temor e amor de Deus.

Estudou sucessivamente em Coimbra, onde era bispo seu tio D. Crescónio, e em Viseu aos cuidados do prior da Sé, D. Teotónio irmão de seu pai. Embora a sua educação e preparação estivesse a cargo de seus tios, foi o arcebispo D. Tello que maior influência exerceu em S. Teotónio por ser, como reza a história «varão docto e pio», virtudes tão apreciadas pelo primeiro santo português.

O povo amava aquele homem casto e cumpridor das leis do Senhor que não cessava de orar e de se sacrificar pela conversão dos pecadores. Os pobres acorriam à sua passagem e ele consolava-os, quer distribuindo os seus bens, quer lançando luz nas trevas das suas consciências.

Desprezou sempre honrarias e altos cargos que o afastassem do povo que ele tanto amava, tendo abandonado o priorado da Sé de Viseu, que contrafeito havia aceiteado, para ir em peregrinação à Terra Santa.

Por duas vezes esteve em Jerusalém onde tencionava ficar na companhia dos cônegos regulares de Santo Agostinho que lhe ofereceram a sua companhia na guarda do Santo Sepulcro. Porém, rogou-lhe o arcebispo D. Tello que, com com ele, fosse um dos doze que haviam de fundar uma nova congregação de cônegos regulares de Santo Agostinho.

Edificaram um mosteiro, nos arrabaldes de Coimbra, sob a invocação da Santa Cruz.

Conhecida é a fama do mosteiro de S. Teotónio, por escolha dos doze fundadores, foi prior e onde D. Afonso Henriques tantas vezes se acolheu pois sabendo das virtudes do prior de Santa Cruz tomou-lhe tal afeição que o tomou por confessor.

A influência que S. Teotónio exerceu no primeiro rei de Portugal foi tão grande que este se aconselhava junto dele antes de qualquer empreendimento guerreiro. Por isso, o bom sucesso da batalha de Ourique, da tomada de Leiria, Santarém, Lisboa e de muitos outros lugares se deve a S. Teotónio que juntamente com os outros religiosos do mosteiro, rezava pelos portugueses que, com o seu rei à frente, partiam à conquista das terras pelos infiéis ocupadas.

Talvez D. Afonso Henriques não tivesse realizado tão grande obra na expansão do reino e na defesa da Cruz se não tivesse alguém que, como o virtuoso prior de Santa Cruz, o aconselhasse e incitasse à conquista das terras em poder da moirama. Embora vivendo recolhido no mosteiro, não deixou um só momento de acompanhar o seu rei, orando por ele e por todos aqueles que o acompanhavam.

Muitos foram os seus milagres e a sua fama era tal que S. Bernardo lhe enviou um bordão a que o santo prior, quando já era velho e doente se amparava.

Quiz Deus no dia anterior à morte daquele santo homem mostrar quanto o amava: por isso desceu do alto do claustro do mosteiro um grande e for-

Monumento em ruínas

Continuação da 1.ª Página

Alça-se a Cruz entre os lumes, os mordomos ordenam as alas, o ventinho leve ondu-la as frisadas cabeleiras, as vestes bem pregadas, os baldões e as opas.

O «Salvador do Mundo», do fundo dum cortejo de séculos, ehama o séquito de amigos que quizeram tomar a cruz para O seguir.

E eles caminham. Simples figuras de roca sobre um palanque de talha recamado de giestas e jarros, de jacintos e goivos? Ai que sim!

Onde estão agora os simplíssimos crentes que naquelas figuras, que ao compasso do andamento dos homens que levam os andores cumprimentam cortezes, onde estão essas criaturas simples que recordam, Isabel de Aragão, Margarida de Cortona, S. Luís ou S. Roque?

Onde estão os que se recordam de que uma procissão é um cortejo solene e sagrado?

E os que recolhem, ao menos com a vontade, a lição dum emenda de vida?

Onde estão ainda as mãos hábeis que dum trapo faziam surgir um cravo, que vestiam um cabide e ficava um santo, que punham uma opa e a respeitavam, que seguiam graves, sérios e em silêncio, como elementos dum corpo único, o préstito religioso?

Das Cinzas, só restam cinzas:

A ala garrida que parece uma alegre «tarasca» carnavalesca, os andores que se exibem diante do público frívolo, apenas considerando o gosto dos floreados, um acompanhamento que fala, canta, ri, detem-se, ultrapassa os andores que parecem tendas de feira mostrando os plásticos multicores, os homens de opa e círio que saem da ala a correr e a correr para ela voltam em flagrante desenvoltura.

Mais nada resta? Há ainda os que tentam sacralizar esse tão lindo acto que, feito como seria para desejar, traria à cidade um bom conceito dos seus pergaminhos religiosos.

Mas são poucos diante dum multidão que tudo olha, não se diz com olhos pagанизados, que ainda seria elogio, mas com absoluto desinteresse e incompreensão.

Das Cinzas, só restam cinzas.

A hora é de balanço e de exame, mas não de desânimo. Se o grupo dos amigos da procissão aumentar, se por si, eles mesmos se integrarem na gravidade e no respeito devidos a coisas sagradas, a situação pode alterar-se ainda e das cinzas ressurgirem Cinzas.

Vende-se

Um prédio que consta de primeiro andar e rés do chão, que serve para qualquer ramo de negócio na Rua da Liberdade, 97.

Quem pretender dirija-se a Ilídio Costa Teixeira—Tavira.

moso globo de estrelas e que perante a admiração dos restantes religiosos ficou junto dele até ao instante em que faleceu.

Grande era o merecimento desse homem a quem Deus mandou um globo de estrelas para guiar a sua alma, enquanto que os Reis Magos tiveram uma só a guiar los a Belém.

Passou no dia 18 de Fevereiro a VIII centenário da morte do glorioso S. Teotónio que durante toda a sua vida soube não desmerecer o nome que seus pais lhe deram e que significa: o que tem semelhanças de divino.

António Pardete da Fonseca

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Ana da Luz Rodrigues de Brito, D. Maria José Gonçalves Gago, D. Amabilia Rosa Viegas, Mlle. Maria Manuela Lagoas Gaspar, Mlle. Maria Manuela Forra e D. Augusta Lúcia Gonçalves Costa.

Em 4 — Meninos António Castimiro Fialho de Mendonça e Victor Ricardo Beza Domingues.

Em 5 — D. Maria Elete Lopes Dias, D. Toribio do Nascimento Rodrigues, menina Maria Leonor da Cruz Calico e o menino Carlos Alberto Gago Gaspar Gonçalves.

Em 6 — D. Maria da Natividade Fernandes Palma e o sr. Alvaro de Sousa Rodrigues.

Em 7 — D. Cesaltina Dlogo Padinha Barão e o sr. Celestino Sesinando Monteiro.

Em 8 — D. Amélia das Dores Costa Pires, menina Maria Luisa Faleiro Faustino, meninos Paulo João Raimundo e Horta, João José Miguel Picoito e os srs. Luis Tomás de Sousa Gago, José Augusto dos Reis Junior e João Alves Rolão Costa.

Em 9 — Sr. Alfredo Pires Faleiro Junior.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa esteve nesta cidade de visita a sua família, o nosso prezado amigo sr. Manuel de Sousa Peralt, chefe da Secção de Finanças de um dos Bairros Fiscais de Lisboa.

— Encontra-se nesta cidade o nosso conterrâneo e assinante, sr. Octávio Azinheira Costa, 1.º Sargento do Exército, ao serviço no Ultramar.

— Esteve nesta cidade, onde veio passar os dias de Carnaval, o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. José João Santos Dores, residente em Lisboa.

— Com sua família veio passar o Carnaval ao Algarve, o sr. João Mendonça Vargas, proprietário e industrial, residente em Lisboa.

— De visita a sua família, esteve no Algarve, onde passou o Carnaval, a nossa estimada conterrânea e assinante em Lisboa, sr.ª D. Maria da Conceição Forra.

Nascimento

Com toda a felicidade, deu à luz em Setúbal, em casa de seus tios com quem reside, uma criança do sexo masculino, a nossa comprovinciana sr.ª D. Maria da Saudade Cristina Peres Machado, extrema filha do nosso prezado amigo e colaborador, sr. Luis Sebastião Peres.

José Francisco Massapina

No passado dia 22 de Fevereiro, faleceu nesta cidade, onde residia há muitos anos, o sr. José Francisco Massapina, de 83 anos de idade, natural de Moura, capataz agrícola, aposentado.

O falecido era pai do sr. José Francisco Massapina Junior, regente agrícola em serviço na Estação Agrária de Tavira, e das sr.ªs D. Maria Libânia Massapina e D. Maria do Carmo Massapina e sogro da sr.ª D. Gabriela Vicente Massapina.

A sua morte causou pesar na cidade, onde o ancião gozava de gerais simpatias.

O seu funeral, que se realizou na tarde de 23, foi muito concorrido.

D. Marta da Conceição

No passado dia 23 de Fevereiro, faleceu no sítio da Assêca, a sr.ª D. Marta da Conceição, de 70 anos de idade, natural de Santo Estêvão. Deixou viúvo o sr. Manuel Ramos Gonçalves, era mãe da sr.ª D. Maria da Conceição Ramos e do sr. Manuel Ramos Bonito.

O seu funeral realizou-se no dia 24 para o cemitério de Santo Estêvão.

Coronel Vitorino Rodrigues Corvo

Faleceu há dias na capital onde residia, o sr. Coronel Vitorino Rodrigues Corvo, natural de Tavira, que foi combatente em França na Guerra de 1914-1918. Foi um oficial distinto, com uma brilhante folha de serviços onde tem exarados vários louvores e as mais altas condecorações.

Contava 69 anos de idade e deixava viúva a sr.ª D. Cândida Santos Rodrigues Corvo e era pai da sr.ª D. Maria Ligia Santos Rodrigues Corvo de Frias e dos srs. Eng. Eurico Santos Rodrigues Corvo e Eduardo Santos Rodrigues Corvo, sogro das sr.ªs Dr.ªs D. Teresa Santos Rodrigues Corvo e D. Luisa Falcão Trindade Teixeira de Azevedo Rodrigues Corvo e do sr. Rui Machado de Frias e irmão das sr.ªs D. Maria Adelina Rodrigues Corvo e D. Maria Marta Corvo Pires e cunhado do sr. Asdrúbal da Encarnação Pires.

A's famílias enlutadas endereçamos sentidos pésames.

O «Povo Algarvio», vende-se em Lisboa na Incrementum, Rua Santa Marta, 58-3.º

No reino dos descontos

Continuação da 1.ª Página

parte do volume de vendas dos segundos é feita no regime de prestações, no chamado regime de venda-aluguer. Não conhecemos (há por aí alguém que possa elucidar-nos?) disposição legal que efectivamente contrarie a desenfreada agiotagem a que dá ensejo, agravada com a imoral cláusula de que o comprador perde (em benefício do vendedor) a coisa alugada se não pagou todas as prestações da venda-aluguer?

Agravada ainda, com a elevada percentagem de lucro na coisa vendida, como pode verificar-se nos descontos confidenciais... oferecidos a algumas classes nas vendas a pronto (que figuram em publicações de que possuímos exemplares impressos) se dissermos que os descontos vão até 25% (a quarta parte!) não é difícil avaliar que margem de lucros dá a mercadoria.

É legítima esta margem de lucro? Não é. Mas como se o fosse pois não há notícia de autos por ofensa à economia popular levantados pelas vendas em causa.

A conclusão a tirar é que a lei não estabelece pelo menos eficazmente a limitação do lucro, o qual é de facto de livre fixação pelo vendedor.

E assim, ele estabelece livremente um preço para venda ao público à sua mercadoria.

Alguns compradores por pertencerem a esta ou aquela agremiação têm de 5 a 25 por cento de desconto, os outros pagam de 5 a 25 por cento a mais pela mercadoria além do lucro incluído no preço, mesmo evidentemente no preço com desconto. E não é exagero pensar que o lucro não deve ser inferior na maioria dos casos ao desconto concedido, não a todos, mas a alguns.

A conclusão a tirar disto é que se impõe uma profunda intervenção do Estado em prol da economia popular.

A conjuntura exige um regime de austeridade incompatível com a especulação que de há muito está a exigir intervenção eficaz para pôr termo a abusos que ameaçam a nossa estabilidade social e comprometem o Governo perante o povo.

Livros e Revistas

Obras de Shakespeare — Publicou-se o fascículo n.º 23 desta obra magistral, que na sequência do trabalho já editado para a publicação da peça «António e Cleopatra», tradução de Laura Costa Dias de Figueiredo.

Assim ficará completa a obra do genial poeta inglês que a editorial «Obras de Shakespeare», numa hora feliz, resolveu publicar em fascículos mensais, facilitando assim ao público leitor a possibilidade de enriquecer a sua biblioteca com uma das melhores publicações de todos os tempos.

Assim iniciou-se agora a última série, com publicação da tragédia «António e Cleopatra» que representada já nos principais teatros do mundo alcançou êxito retumbante como até têm merecido em todas as peças de Shakespeare.

Anuncial no «Povo Algarvio»

Tip. "Povo Algarvio"

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA

TRABALHOS TIPOGRAFICOS FABRICA DE CARIMBOS
EM TODOS OS GÉNEROS DE B O R R A C H A

OBRA SIMPLES E DE LUXO
LIVROS—REVISTAS—JORNAIS

Comemorando o 4.º aniversário

Continuação da 1.ª página

E neste quadriênio Tavira assistiu à criação da sua Escola Técnica, à electrificação das povoações de Santa Luzia e Santo Estêvão e à expropriação da Horta de El-Rei, onde estão já traçadas novas avenidas, ao início das construções do Palácio da Justiça e Casa dos Magistrados, instauração do seu órgão de turismo, além de outros melhoramentos, tais como: criações de novas escolas, novas estradas e caminhos, reparações, etc., etc.

Hoje, celebrando a data festiva da sua ascensão à cátedra municipal, serão inauguradas oficialmente, como que num simbolismo maravilhoso e de olhos postos noutros grandes projectos na forja, a ampliação dos edifícios escolares de Tavira, na Rua da Porta Nova, e dos novos edifícios escolares de Amaro Gonçalves, Malhão, Bernardinho, Livramento, Faz-Fato, Estorninhos, Beliche e Fonte Salgada.

Também será inaugurado o abastecimento de água a Santa Luzia.

As 12 horas, com a presença do sr. Governador Civil do Distrito e demais entidades oficiais distritais e concelhias, proceder-se-á à inauguração do fornecimento de energia eléctrica à povoação de Santo Estêvão.

Várias pessoas deslocar-se-ão àquela freguesia para, nesse momento solene em que se assinala mais um importante melhoramento concelhio, apresentar cumprimentos ao sr. Dr. Jorge Correia, na mais expressiva manifestação de agradecimento pelo que tem feito em prol da sua terra e de apoio à continuidade da sua acção governativa.

É justo envolver nesta manifestação de progresso concelhio e de apoio que hoje se realiza, o nome do sr. Francisco da Encarnação Martins, que na sua qualidade de vice-presidente do Município, tem procurado servir a sua terra e que na mesma data assumiu as suas funções.

O VIÚVO

Eis o título dum excelente novela da autoria do escritor David Mourão Ferreira, que Estúdios Cor nos ofereceu como presente do Natal de 1962.

Mais uma vez o autor se firmou um novelista de garra, que consegue dar expressão a qualquer assunto por mais banal que pareça, que escreve cheio de convicção, obrigando o leitor a seguir com todo o interesse o rumo do seu pensamento.

O «Viúvo» é uma novela cheia de actualidade, bem urdida, que se lê de um fôlego e que salienta as reflexões de um homem que achando-se isolado procura amenizar as suas mágoas de amor, suavizar o seu espírito intranquilo como uma velha amiga, na Noite de Natal.

Quer como poeta, quer como escritor, David Mourão Ferreira é um valor da moderna geração e muito há a esperar do seu talento.

Agradecimento

A família de Inácio Martins Viegas, na impossibilidade de o fazer pessoalmente vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e, a todos que, directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.

Olhanense 2 — Cuf 2

Alguns factores deverão estar na origem do resultado de domingo passado no embate Olhanense — Cuf do Barreiro.

Teria sido excesso de confiança em face do «brilhante» de 8 dias antes na Luz? ou simplesmente falta de assiduidade na preparação física dos atletas algarvios ante o «estrango» causado pelas infundáveis provas de solidariedade desportivas e de amor clubista? Desinteresse ou afrouxamento do onze de Olhão depois da marcação do 2.º golo, quicá, devido à forma como decorreu o 1.º tempo? Só os olhanenses o saberão explicar.

Este encontro, prognosticado de fácil para certa camada de aficionados do futebol, mesmo para a maioria dos «totobolistas», teve um final de certo modo imprevisível.

Esperava-se mais de uma equipa que dias antes havia terminado uma partida em grande plano e que neste jogo esteve em risco de sossobrar completamente.

Em resumo: o ponto brilhantemente conquistado em Lisboa frente a um «grande» perdeu-o em Olhão perante um «pequeno» que soube lutar até ao 90.º minuto. Faz-nos recordar o velho ditado: «até o lavar dos cestos é vindima».

O marcador sofreu as seguintes oscilações: Aos 30 minutos, 1.º golo da autoria do médio cufista Carlos Alberto e aos 60 minutos por Madeira, que desferiu forte e colocado remate, ambos a favor do Olhanense; aos 73 e 89 minutos, respectivamente, por Medeiros e Ferreira Pinto, por parte dos visitantes.

Campeonato Nacional da II Divisão

Peniche 2 — Farense 2

Excelente resultado e boa presença dos algarvios quer na organização defensiva, quer nos pormenores de ataque.

O marcador foi sempre favorável aos «leões» de Faro, já na situação de vencedores ao fim da 1.ª parte. Conquanto tivesse arrecadado 1 ponto, o Farense baixou ao 6.º lugar, mercê da vitória do Portimonense.

Luso 3 — Silves 2

O Silves, conquanto procure um «volte-face» na classificação que ocupa, através de exhibições agradáveis merecedoras de resultados positivos, tem vindo, tanto em casa como fora, a perder jogos sobre jogos, pela diferença mínima; nada menos de 8, das 14 derrotas sofridas, testemunham a forma como a aguerrida turma dos algarvios marca a sua posição frente aos adversários.

Portimonense 3 — Lusitano 1

Vencido na 1.ª volta por 0-2 no jogo disputado em Vila Real de S. António, o Portimonense, no seu reduto, não teve dificuldade em vencer o Lusitano.

Os barlaventinos subiram ao 5.º lugar enquanto que os sotaventinos passaram à 9.ª posição.

Jogos para hoje:

I Divisão

Setúbal — Olhanense

II Divisão

Lusitano — Sacavenense

Montijo — Portimonense

Silves — Portalegrense

Farense — Luso

J. C.



EM TAVIRA

Organizado pelo Ginásio Clube de Tavira realiza-se hoje, um grandioso festival de apresentação da equipa do Sport Lisboa e Benfica constituída pelos corredores:

Alcino Rodrigues, Peixoto Alves, Valada, Acurcio, Perna Coelho, Ildefonso Esteves, José Anastácio e Florentino Silva e os azes do Ginásio Clube de Tavira, que valorosamente concorreram à Volta a Andaluzia, para disputa da taça «Eurico Mangas».

Do programa já elaborado constam as seguintes provas:

As 9 horas — prova-treino, com o seguinte percurso: Tavira, Luz, Alfandanga, Moncarapacho, Santa Catarina, Tavira, Cacela, Monte Gordo, Vila Real, Cacela, Conceição e Tavira, sendo a classificação feita à 2.ª passagem pela meta.

As 15 horas — Continuação da prova, com diversas corridas em pista, em que coloboração as categorias de iniciados e amadores.

Campeonato Regional de Iniciados

Resultados da 1.ª prova disputada num percurso de 74 Kms no Domingo passado:

1.º, Fernando Jacinto, Ginásio de Tavira; 2.º, Bartolomeu Gago, Ginásio de Tavira; 3.º, Casimiro Cabrita, Louletano D. C.; 4.º, Carlos Bento Páscoa, Ginásio de Tavira; 5.º, João Maria Cristina, Sporting Atlético; 6.º, Barracosa Mealha, Sporting Atlético; 7.º, Alberto Duarte, Louletano D. C.; 8.º, Henrique Neto, Ginásio de Tavira.

Média do vencedor 36,928. Hoje disputa-se a 2.ª prova deste Campeonato, com o seguinte percurso:

Faro (partida da estrada da Sr.ª da Saúde às 9 horas) — Poço de Boliqueime, Parragil, Benafim, Barranco do Velho, Loulé e Faro, 104 Kms.

Média obrigatória 32 Kms.

4.ª Grande prova de Iniciação

Em Faro e em Tavira, organizadas pelo Sporting C. Farense e pelo Ginásio C. de Tavira, realizam-se com partida às 9,30 h. provas conceituadas.

VENDE-SE

Uma propriedade no sítio da Mesquita, conhecida pela «Palmeira».

Quem pretender dirija-se a Nuno Falcão Ponce, Rua dos Lusíadas, 64-2.º-Dt.º — Lisboa - 3.

TOTOBOLA

[25.ª Jornada 10/3/63]

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

- | | | |
|----|---------------------------|---|
| 1 | Olhanense — Atlético | 1 |
| 2 | Académica — Leixões | 1 |
| 3 | Lusitano — Guimarães | 1 |
| 4 | Barreirense — Sporting | 2 |
| 5 | Leça — Covilha | 2 |
| 6 | Braga — Oliveirense | 1 |
| 7 | Boavista — Espinho | 1 |
| 8 | Sanjoanen — Salgueiros | 1 |
| 9 | C. Branco — Varzim | 2 |
| 10 | Torreense — Alhandra | 1 |
| 11 | Sacavenense — Montijo | 1 |
| 12 | Portimonense — C. Piedade | 1 |
| 13 | Portalegren — Farense | 2 |

Jorge Cruz

Verdades como punhos

«... Podemos estranhar nós, Portugueses, que nações que deixaram assaltar as fronteiras do nosso Estado da Índia, consentindo no aviltamento da civilização indo-portuguesa, se lancem agora no caminho de vultosos fornecimentos militares à União Indiana, destruindo o equilíbrio de força numa zona em que o maior perigo é o imperialismo ridículo de Nehru, para discutirem umas centenas de quilómetros quadrados numa região em que a linha de fronteira é meramente convencional e foi estabelecida com a China pelos Britânicos quando a Índia fazia parte do seu Império. E podemos também perguntar se a fronteira portuguesa da Índia, que os Ingleses respeitaram durante a sua permanência e soberania no subcontinente indiano, não justificaria mais a protecção...»

(de um artigo inserto no «Diário de Notícias» na data do aniversário do assalto à nossa Roma do Oriente)

«... Quando terminada a evolução do pensamento mundial e desfeitas as nuvens emocionais que turvam as inteligências, se vir aquilo por que verdadeiramente lutamos — o progresso dos povos que nos estão confiados a realizar pela única forma compatível com o seu modo de ser —, então será mais fácil a resolução dos problemas postos. Uma coisa no entanto haverá que lamentar: a O.N.U. se então ainda existir não ouvirá já os fogosos discursos contra Portugal de muitos dos seus oradores. A literatura perde o que a paz do Mundo acabará por ganhar...»

(do discurso de Salazar durante a posse do actual Ministro da Defesa Nacional)

«... O general De Gaulle tem dado provas inequívocas, em várias oportunidades e nomeadamente em várias votações da O.N.U. duma fina compreensão da especialidade do nosso problema ultramarino. Não o confunde com o inglês, o belga ou o holandês. Nem sequer o assemelha ao francês. Já o temos assinalado com reconhecimento aplauso. Ora bem. Não competiria, pois, ao intrépido e lúcido Chefe do Estado francês, nesta hora em que o seu espírito de latinidade está em causa, chamar à ordem esse turbulento e único aventureiro de Argel que está abusando da confiança e dos distínos da França em detrimento dum povo laborioso e pacífico, cuja grandiosa obra de civilização e igualização das raças está já sendo reconhecida pelos mais ígnaros ou hesitantes dos seus amigos e aliados?...»

(de um editorial do «Diário Popular»)



Do nosso colega «O Algarve» e em referência ao 4.º aniversário da posse da presidência do sr. Dr. Jorge Correia na Câmara de Tavira, respigamos o seguinte, quanto a melhoramentos que se lhe devem:

«A Escola Técnica de Tavira, o problema n.º 1 de Tavira, que singra com eficiente aproveitamento, marcando já uma posição de relevo no Ensino Técnico do País...»

As próximas férias da Páscoa iniciam-se na tarde de 5 de Abril próximo, recomeçando as aulas na manhã do dia 17 do referido mês.

CHFGOU a Tavira, recentemente, diverso material desportivo para os alunos.

O Comportamento dos educandos dessa Escola Técnica, continua a ser bastante satisfatório, o que mais uma vez justifica a boa índole da nossa gente.

AS CHUVAS

provocaram inundações

no concelho de Tavira

UMA tromba de água, supõe-se que caída nos arredores da Luz de Tavira, no passado dia 27 de Fevereiro, provocou inundações, tendo interrompido o trânsito em várias estradas e causado prejuízos em algumas propriedades.

A estrada nacional Tavira-Faro, devido a enxurrada, teve o trânsito interrompido durante toda a manhã. Na estrada Luz-St.º Estêvão, um lençol de água cobriu-a completamente bem como os campos que a ladeiam.

Cerca das 8 horas, uma forte trevoada seguida de violento aguaceiro passou sobre a cidade. Na estrada de Santa Luzia houve muros danificados e o trânsito só foi estabelecido graças à pronta intervenção da nossa Corporação de Bombeiros, que procurou dar escoamento às águas.

Quem percorreu os locais mais atingidos pode verificar o aspecto desolador provocado pela enxurrada. Além das culturas e muros também foram arrastadas algumas árvores e até alguns prédios se desmoronaram.

Os pára-raios da cidade foram atingidos por algumas faíscas. Felizmente não se registaram quaisquer acidentes pessoais muito embora os prejuízos materiais atinjam uma cifra considerável.

Os bombeiros, dentro das suas possibilidades procederam à imediata desobstrução das estradas e durante o dia eeteve um piquete de prevenção.

Felizmente, a pesar da grande cheia que trazia, o Gilão não saiu fora do leito.

Nas impressões que trocamos com algumas pessoas mais idosas, a propósito do vendaval que assolou Tavira, na manhã de quarta-feira de cinzas, foram todas unânimes em afirmar que não se lembram de ter visto chover tanto pois, conforme comunicação dos serviços meteorológicos da Estação Agrária de Tavira, às 9 horas da manhã, já haviam caído 64 milímetros.

Agradecimento

A família de Francisco Nobre na impossibilidade de o fazer pessoalmente vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada, e, a todos que directa ou indirectamente lhe manifestaram o seu pesar.



Companhia de Pescarias «Barril ou Três Irmãos»

(S. A. R. L.)

SEDE EM TAVIRA

Assembleia Geral Ordinária

1.ª e 2.ª Convocações

Em conformidade com os Estatutos desta Companhia, é convocada a Assembleia Geral Ordinária, a reunir no próximo dia 9 de Março p.º f.º, pelas 15 horas, afim de se pronunciar e deliberar sobre os números 1.º, 4.º, 6.º e 9.º do artigo 14.º dos mesmos Estatutos.

Não havendo número legal de accionistas ou capital para poder funcionar a Assembleia, na data acima indicada, fica desde já marcada para o dia 24 do mesmo mês de Março, às horas e local acima indicados.

Tavira, 22 de Fevereiro de 1963

O Presidente da Assembleia Geral

João Júdice de Vasconcelos



Misericórdia de Tavira — Serviços clínicos no mês de Março:

Enfermarias — Drs. Jorge Correia e Ramos Passos.

Consulta externa — De 1 a 15, Dr. Jorge Correia, às 8 horas. De 16 a 31, Dr. Ramos Passos, às 17 horas.

Consulta no dispensário do I.A.N.T. — De 1 a 15, Dr. Ramos Passos, às 17 horas. De 16 a 31, Dr. Jorge Correia, às 8 horas.

Cirurgia geral — Consulta em 10 e 24, pelos Drs. Fausto Cansado e Renato Graça.

Profilaxia mental — Consulta em 23, pelo Dr. Manuel da Silva, às 15 horas.

Oftalmologia — Consulta em 10, pelo Dr. Artur May Viana, às 10 horas.

Teatro António Pinheiro —

Espectáculos da semana Hoje apresenta, para maiores de 17 anos *Os Crimes Rã*, com Siegfried Lowitz e Joachim Fuchsberger. Em complemento, *Escandalo em Ischl*, em Agfacolor com O. W. Fischer e Elisabeth Muler.

Quinta-feira, para maiores de 17, *Que te deu essa mulher?* com Pedro Infante e Luiz Aguilar. Em complemento, *Ciúmes*, com Erno Crisa e Marisa Belli.

Sábado para maiores de 12, *Os Índios Atacam*, em Technicolor com Gary Merrill e Wanda Hendrix. Em complemento, *Férias em Lisboa*, em Eastmancolor com Vico Torriani e Mara Lane.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Franco.

Conta-se que tenha carácter internacional a exposição pecuária da Feira do Ribatejo

A exposição pecuária da Feira do Ribatejo tem sido, desde a sua criação, um dos motivos de grande atracção do certame. De todo o País se deslocam os apreciadores dos belos cavalos, dos bovinos pertencentes às raças mais evoluídas, ou dos ovinos que a técnica impõe como elementos melhoradores das raças nacionais. Mercê desse interesse havia deixado de se limitar ao âmbito regional para se alargar ao plano nacional. Já no ano transacto se tinha registado a presença de alguns criadores da Estremadura e do Alentejo, com representação de alto nível, mesmo das mais belas da Feira.

Este ano é de crer que os lavradores portugueses de todas as províncias concorrerão ainda em maior número e aprimorem a sua representação sabido que os criadores franceses começam a interessar-se pela Feira do Ribatejo, à qual se espera venham conceder a categoria internacional com a presença de escolhidos exemplares das espécies bovinas e ovinas de interesse algo actualizado.

CASA

Aluga-se ao ano ou de Junho a Outubro, entre Lagos e Portimão ou entre Monte Gordo e Manta Rota. De preferência mobilada com os indispensáveis requisitos. Resposta com todas as indicações a este jornal.